

BANCO REGIONAL DE DESENVOLVIMENTO DO
EXTREMO SUL - BRDE
AGÊNCIA DE FLORIANÓPOLIS - AGFLO
GERÊNCIA DE PLANEJAMENTO - GEPLA

SÍNTESE DE INFORMAÇÕES SOBRE O
PANORAMA DA AVICULTURA E
SUINOCULTURA -
Jan-abril/2002



28 DE JUNHO DE 2002
BRDE - Florianópolis, SC

APRESENTAÇÃO

A avicultura e a suinocultura da Região Sul têm uma importante contribuição na economia regional e brasileira, seja pela geração de empregos, riqueza ou, ainda, participando ativamente nos programas de exportação, contribuindo para a balança comercial. O início de 2002 não tem sido muito favorável a esse segmento. Além do excesso de oferta para abate, as projeções realizadas ao fim de 2001, principalmente no que diz respeito ao mercado externo, não têm sido alcançadas.

Dentro desses mercados, diversas empresas, algumas expoentes estaduais e até nacionais, que têm sido atingidas por essa conjuntura, são de interesse operacional do BRDE, visto que já possuem um relacionamento comercial ou podem vir a se constituir em novos clientes do banco.

Desta forma, o presente estudo tem a finalidade de apresentar uma síntese da situação da conjuntura do setor de carnes, de frango e suína, no primeiro quadrimestre de 2002, permitindo uma visualização maior desse setor produtivo, bem como apresentar informações e séries históricas mais detalhas sobre ambos segmentos, de forma a contribuir significativamente nas análises pelos técnicos do banco, além de servir como fonte de informação para futuras tomadas de decisões.

As informações conjunturais-estatísticas e perspectivas que nortearam esta síntese são, na sua grande maioria, quando não citada a fonte, provenientes de análises da Companhia Nacional de Abastecimento – CONAB e Instituto de Planejamento e Economia Agrícola de Santa Catarina – ICEPA, que atuam intensivamente nesse setor e respaldam o presente trabalho.

Em função do exposto, este trabalho aborda inicialmente o mercado interno. Na parte 2, o mercado externo e na parte 3 são apresentadas algumas perspectivas para o setor. A parte 4 tece alguns comentários finais e os Anexos – Séries Históricas complementam o trabalho.

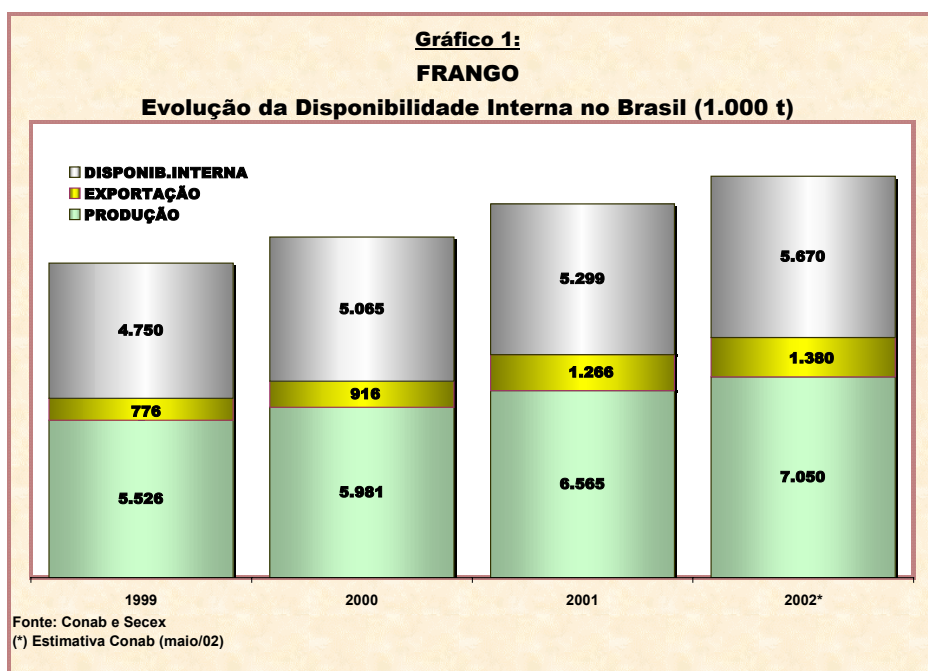
SUMÁRIO

1 - MERCADO INTERNO	4
1.1 - FRANGO	4
1.2 - SUÍNO	5
2 – MERCADO EXTERNO	8
2.1 – FRANGO	8
2.2 - SUÍNO	12
3 - PERSPECTIVAS	16
3.1 - FRANGO	16
3.2 - SUÍNO	16
4 –COMENTÁRIOS FINAIS	16
5 - FONTES E REFERÊNCIAS	19
ANEXOS ESTATÍSTICOS - séries históricas	20

1 - MERCADO INTERNO

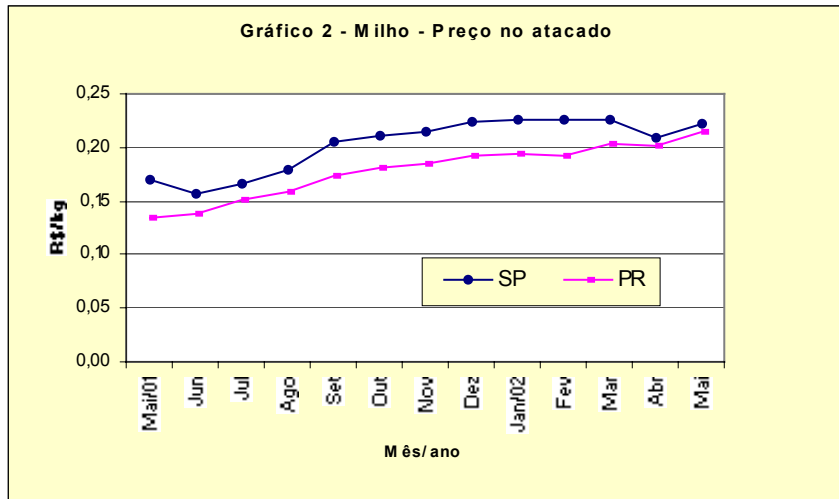
1.1 - FRANGO

O alojamento mensal de pintos de corte, no primeiro trimestre deste ano foi 10,55% superior ao observado em idêntico período de 2001. Com isso, a produção de carne de frango projetada para 2002 representa um volume 7,41% superior às 6.565,2 milhões de toneladas computadas no ano passado. Esse fato deixa explícito que, dadas as atuais condições da procura, há volumes excedentes de oferta de carne, relativamente à demanda interna e aos embarques ao exterior, e a consequência só pode ser negativa para a remuneração dos avicultores ([Gráfico 1](#)).



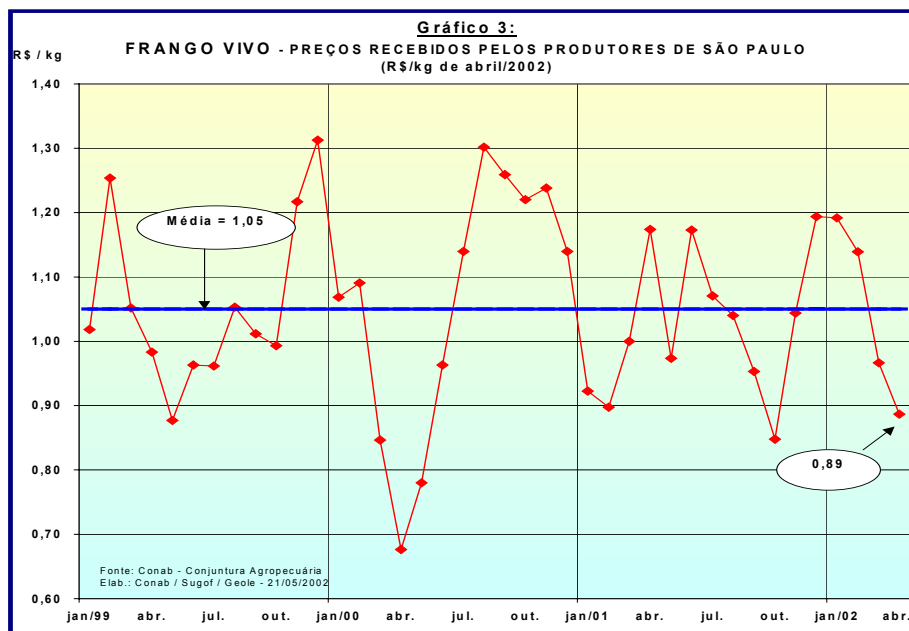
De acordo com a Associação Brasileira dos Produtores de Pintos de Corte – APINCO, conforme apurado em seu boletim mensal de abril passado, urge que a avicultura de corte promova redução no alojamento de matrizes de corte e, conseqüentemente, no alojamento de pintos, para que o volume de carne, na ponta da cadeia produtiva, se ajuste à capacidade atual do consumo.

Não bastassem os problemas derivados de um excesso de produção, os preços do milho e do farelo de soja – principais insumos das rações – estão em patamares que impactam o custo de produção do frango ([Gráfico 2](#)), tornando muito difíceis as condições para a manutenção do quadro de preços recebidos nas granjas, como ocorre presentemente.



Fonte: Elaboração Própria

Persistindo a situação atual ([Gráfico 3](#)), é possível que muitos produtores cheguem à inviabilidade, sobretudo no segmento independente, mais fragilizado perante as agroindústrias, as quais trabalham com uma logística de produção/comercialização bem mais elaborada.



1.2 - SUÍNO

Os abates da Região Sul, durante o primeiro quadrimestre deste ano, perfizeram a média mensal de 1.329,8 mil cabeças, posicionando-se 6,92% acima da média mensal registrada em 2001. Em São Paulo, no entanto, a média mensal do abate, no período janeiro/abril de 2002, ficou em 72 mil cabeças, volume 15,49% inferior à média mensal de 2001.

O volume de abate em São Paulo é muito inferior ao realizado nos três Estados da Região Sul, mas São Paulo tem posição estratégica nas vendas para o mercado interno, pois se destaca como grande centro de produção e consumo, além de ser grande reexpedidor da produção oriunda de outras Unidades Federativas. Em termos da carne suína, absorve, normalmente, parcelas importantes das produções advindas da Região Sul. Para exemplificar a situação relativa do Estado de São Paulo, no tocante ao abate de suínos, no ano passado, foram abatidas 1,023 milhão de cabeças em SP; 8,128 milhões em SC; 4 milhões no RS, e 2,789 milhões no PR ([Tabela 1](#)).

TABELA 1 - EVOLUÇÃO DO ABATE DE SUÍNOS - REGIÃO SUL E ESTADO DE SÃO PAULO (milhão de cabeças)

MÊS	S.Catarina				Paraná				R.G. do Sul			
	1999	2000	2001	2002	1999	2000	2001	2002	1999	2000	2001	2002
JAN.	582,1	624,3	675,5	722,0	298,6	287,9	317,2	397,6	211,2	208,6	215,4	255,8
FEV.	543,2	603,0	624,8	678,8	281,4	297,5	292,7	351,9	203,0	220,5	197,5	242,7
MAR.	625,1	654,7	694,9	687,7	333,1	325,3	325,1	346,5	235,9	227,0	235,0	261,6
ABR.	582,2	592,1	651,4	741,8	309,1	281,4	314,2	397,8	197,0	191,6	204,4	235,0
MAIO	637,2	669,8	705,3		335,2	329,3	349,8		208,5	208,2	227,4	
JUN.	641,0	643,4	649,3		325,6	324,8	305,4		202,7	211,0	221,6	
JUL.	607,9	666,4	684,3		317,8	329,8	363,2		210,5	216,9	245,4	
AGO.	695,7	691,8	728,3		346,3	342,7	361,8		224,8	237,8	250,9	
SET.	663,0	659,7	669,0		316,4	307,6	316,7		211,8	198,7	226,3	
OUT.	618,5	662,8	731,1		299,7	328,8	377,8		215,8	216,3	274,1	
NOV.	616,0	630,9	669,5		308,0	324,2	353,3		217,7	227,8	244,4	
DEZ.	654,4	663,8	644,2		342,8	329,8	330,4		228,4	207,6	247,0	
Média	622,2	646,9	677,3	707,6	317,8	317,4	334,0	373,5	213,9	214,3	232,5	248,8
TOTAL	7.466,3	7.762,7	8.127,6	2.830,3	3.813,9	3.809,1	4.007,6	1.493,8	2.567,3	2.572,0	2.789,4	995,1

MÊS	Região Sul				S.Paulo			
	1999	2000	2001	2002	1999	2000	2001	2002
JAN.	1.091,9	1.120,8	1.208,1	1.375,4	55,2	55,8	68,4	77,5
FEV.	1.027,6	1.121,0	1.115,0	1.273,4	60,3	60,7	67,9	60,4
MAR.	1.194,1	1.207,0	1.255,0	1.295,8	69,1	70,1	78,1	76,0
ABR.	1.088,3	1.065,1	1.170,0	1.374,6	71,0	66,8	73,4	74,0
MAIO	1.180,9	1.207,3	1.282,5		70,7	86,7	89,6	
JUN.	1.169,3	1.179,2	1.176,3		71,4	75,4	85,1	
JUL.	1.136,2	1.213,1	1.292,9		66,3	78,7	84,8	
AGO.	1.266,8	1.272,3	1.341,0		69,6	75,3	92,6	
SET.	1.191,2	1.166,0	1.212,0		71,8	79,1	89,0	
OUT.	1.134,0	1.207,9	1.383,0		58,5	86,2	100,0	
NOV.	1.141,7	1.182,9	1.267,2		67,3	86,4	92,0	
DEZ.	1.225,6	1.201,2	1.221,6		80,3	91,6	102,0	
Média	1.154,0	1.178,6	1.243,7	1.329,8	67,6	76,1	85,2	72,0
TOTAL	13.847,5	14.143,8	14.924,6	5.319,2	811,7	912,8	1.022,9	287,9

Fonte : CONAB

Somados o total da Região Sul e o de São Paulo, foram atingidos cerca de 80% dos abates oficiais (com inspeção federal, estadual ou municipal) computados no País, que alcançaram 18,896 milhões, conforme o IBGE - Pesquisa Trimestral do Abate de Animais ([Tabela 2](#)).

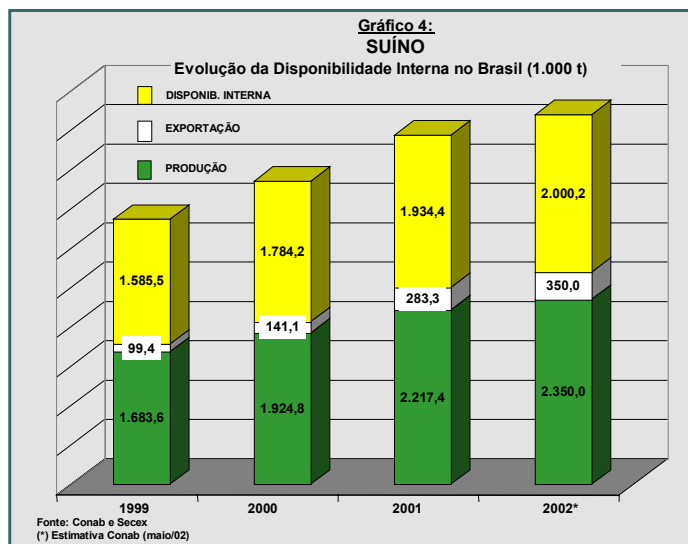
TABELA 2 - BRASIL - ABATE MENSAL DE SUÍNOS - 2001

Mês	CABEÇAS ABATIDAS	PESO TOTAL DAS CARÇAÇAS (kg)	PESO MÉDIO (kg)
jan.	1.469.204	120.591.992	82,08
fev.	1.339.603	110.484.172	82,48
mar.	1.541.755	127.173.840	82,49
abr.	1.494.457	125.239.165	83,80
maio	1.660.888	141.126.142	84,97
jun.	1.516.456	129.281.402	85,25
jul.	1.616.267	137.718.329	85,21
ago.	1.684.682	143.287.784	85,05
set.	1.518.798	130.153.552	85,70
out.	1.769.127	150.709.904	85,19
nov.	1.647.528	138.917.107	84,32
dez.	1.637.423	134.731.361	82,28
TOTAL	18.896.188	1.589.414.750	84,07
MÉDIA			
1º sem.	1.503.727	125.649.452	83,51
MÉDIA			
2º sem.	1.645.638	139.253.006	84,62
MÉDIA MENSAL	1.574.682	132.451.229	84,07

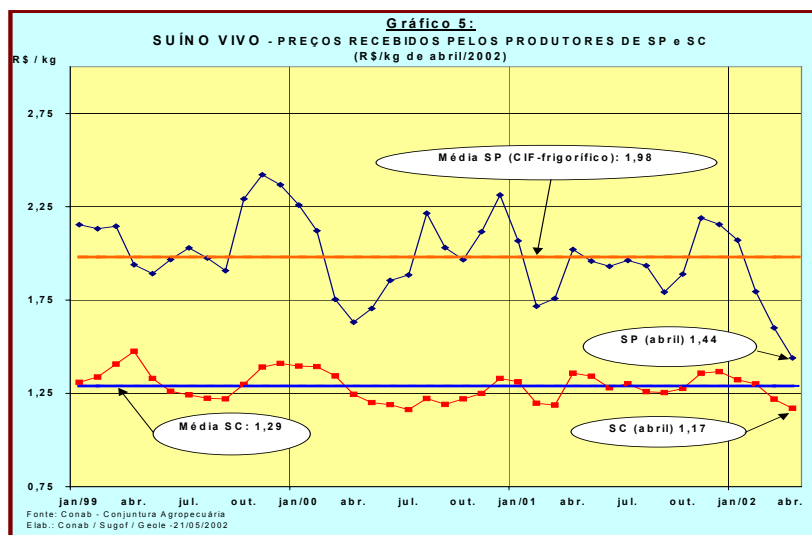
Fonte : CONAB

Assim, um aumento da oferta, a partir dos abates da Região Sul, repercute significativamente na oferta total de carne suína do Brasil.

Decorridos os cinco primeiros meses deste ano, constata-se que o volume de oferta de carne suína alcança nível mais do que suficiente para suprir as demandas interna e externa. Assim, a avaliação do segmento produtor para o desempenho neste ano, de elevação de 6% na produção, 23,5% na exportação e 3,4% na disponibilidade interna ([Gráfico 4](#)), não vem sendo integralmente referendada pelo mercado, pois o custo de produção está alto, em decorrência dos preços pagos pelo milho e farelo de soja (os mais importantes ingredientes das rações), enquanto as vendas externas da carne suína, mesmo representando papel importante no quadro da demanda, ainda são insuficientes para enxugar o excesso de oferta.



Caso essa situação se mantenha por mais algum tempo ([Gráfico 5](#)), a tendência é que o setor produtivo tome atitude drástica para cortar parte da produção, pois, se isso não ocorrer, muitos suinocultores irão deixar a atividade, mormente aqueles que atuam de forma independente e com baixa escala de produção, não estando atrelados a uma agroindústria ou cooperativa, uma vez que esses são os elementos, em geral, mais fracos no âmbito da cadeia produtiva. As empresas integradoras e cooperativas, devido à sua maior capacidade de aglutinação das forças produtivas numa gama mais variada de produtos, inclusive os principais insumos da suinocultura, têm maior estrutura para atravessar períodos de baixa, como o atual, sem maiores danos.



2 – MERCADO EXTERNO

2.1 – FRANGO

A divulgação, pela Secex, dos números finais de exportação e importação da carne de frango, no decorrer de abril último, permite que se observe o resultado do primeiro quadrimestre deste ano, quando as vendas externas brasileiras alcançaram o volume de 431 mil toneladas, para um faturamento de US\$ 418,4 milhões. Esses números ensejam a projeção – mantidos os mesmos parâmetros até aqui observados – do quantitativo de 1,293 milhão de toneladas ao final de 2002, e da receita de US\$ 1,255 bilhão, significando acréscimo de 2,18% em volume, e retração de 5,9% no faturamento, confrontando-se essa projeção com os dados finais do ano passado.

É importante frisar que o preço médio do frango exportado, no período janeiro/abril, caiu nos três segmentos: inteiro, partes e industrializado. No segmento de frango inteiro, que apresentou cotação média de US\$ 742 /tonelada, a queda foi de 14,22%, frente à média anual obtida em 2001; no mercado do frango em partes, cuja cotação média alcançou US\$ 1.113 /tonelada, a retração foi de 5,68%; no segmento de frango industrializado, com preço médio de US\$ 2.323 /tonelada, a redução do preço médio atingiu 8,51%. A participação desses segmentos, em termos das quantidades embarcadas, foi de 42,87% para o frango inteiro; 55,75% para o frango em partes e 1,38% para o industrializado. Tal distribuição mostrou um aumento da participação do

frango em partes, cuja representação, em 2001, ficou em 52,85%. Esse ganho ocorreu em detrimento do frango inteiro que, no ano passado, representou 45,84% das nossas vendas externas. O frango industrializado também aumentou a sua participação, vez que em 2001 alcançou 1,31% das transações ([Tabela 3](#)).

Tabela 3 - BRASIL – Exportações de Carne de Frango

ESPECIFICAÇÃO	1999				2000			
	US\$ FOB	kg Líquido	Part. %	kg Médio	US\$ FOB	kg Líquido	Part. %	kg Médio
I Inteiros (a)	2.771.327	4.089.729	0,53	0,68	1.151.487	1.863.686	0,20	0,62
II Inteiros (b)	421.347.015	418.250.651	53,87	1,01	359.439.259	468.614.625	51,15	0,77
Total de Inteiros	424.118.342	422.340.380	54,40	1,00	360.590.746	470.478.311	51,36	0,77
III Partes (a)	46.693	112.564	0,01	0,41	139.937	109.046	0,01	1,28
IV Partes (b)	451.272.948	348.128.751	44,84	1,30	445.006.593	436.159.070	47,61	1,02
Total de Partes	451.319.641	348.241.315	44,85	1,30	445.146.530	436.268.116	47,62	1,02
V Industrializada	17.375.324	5.806.801	0,75	2,99	23.009.248	9.347.542	1,02	2,46
TOTAL	892.813.307	776.388.496	100,00	1,15	828.746.524	916.093.969	100,00	0,90

ESPECIFICAÇÃO	2001				VARIACAO % US\$ FOB		VARIACAO % kg Líquido	
	US\$ FOB	kg Líquido	Part. %	kg Médio	2001 / 1999	2001 / 2000	2001 / 1999	2001 / 2000
I Inteiros (a)	21.333	30.973	0,00	0,69	(99,23)	(98,15)	(99,24)	(98,34)
II Inteiros (b)	502.012.643	580.191.913	45,83	0,87	19,14	39,67	38,72	23,81
Total de Inteiros	502.033.976	580.222.886	45,84	0,87	18,37	39,23	37,38	23,33
III Partes (a)	60.821	89.107	0,01	0,68	30,26	(56,54)	(20,84)	(18,28)
IV Partes (b)	789.562.877	668.976.216	52,85	1,18	74,96	77,43	92,16	53,38
Total de Partes	789.623.698	669.065.323	52,85	1,18	74,96	77,39	92,13	53,36
V Industrializada	42.142.435	16.598.963	1,31	2,54	142,54	83,15	185,85	77,58
TOTAL	1.333.800.109	1.265.887.172	100,00	1,05	49,39	60,94	63,05	38,18

ESPECIFICAÇÃO	2002 (jan/abr)			
	US\$ FOB	kg Líquido	Part. %	kg Médio
I Inteiros (a)	-	-	-	-
II Inteiros (b)	137.069.572	184.849.278	42,87	0,74
Total de Inteiros	137.069.572	184.849.278	42,87	0,74
III Partes (a)	7.200	7.110	0,00	1,01
IV Partes (b)	267.500.469	240.346.785	55,75	1,11
Total de Partes	267.507.669	240.353.895	55,75	1,11
V Industrializada	13.798.735	5.940.666	1,38	2,32
TOTAL	418.375.976	431.143.839	100,00	0,97

Fonte : CONAB/SECEX

Com relação ao destino das vendas externas, os quinze clientes do frango brasileiro que freqüentam a lista dos principais demandantes, no triênio 1999-2001, absorveram 88,54% dos volumes endereçados ao exterior em 1999, num total de 75 destinos; no ano 2000 representaram 82,88% das vendas, num contexto de 81 destinos; em 2001 alcançaram 83,01%, num total de 92 destinos, e, no primeiro quadrimestre de 2002, demandaram apenas 54,18% de nossas vendas, em termos quantitativos.

TABELA 4 – Exportações Brasileiras de carne de Frango

DESTINO	jan./abr. 2 0 0 2				Part. % 2001	Part. % 2000	Part. % 1999
	US\$/FOB	kg Líquido	Part. %	Preço Médio			
01. África do Sul	-	-	-	-	2,51	1,67	1,51
02. Alemanha	25.212.010	18.498.621	4,29	1,36	5,43	3,35	2,50
03. Arábia Saudita	62.739.635	76.634.911	17,77	0,82	20,22	22,68	28,00
04. Argentina	144.953	184.824	0,04	0,78	1,85	4,62	6,74
05. Barein	3.592.289	4.233.207	0,98	0,85	1,09	1,33	1,40
06. Catar	5.661.740	6.995.154	1,62	0,81	1,70	1,90	1,88
07. Cingapura	-	-	-	-	2,71	3,14	3,32
08. Coveite	10.846.003	13.273.318	3,08	0,82	3,99	4,30	4,85
09. Emirados Árabes	16.324.808	19.281.547	4,47	0,85	4,24	3,33	3,33
10. Espanha	10.605.918	9.705.413	2,25	1,09	2,31	2,51	2,67
11. Hong Kong	13.881.106	25.472.436	5,91	0,54	9,11	12,29	13,08
12. Japão	90.297.628	53.743.626	12,47	1,68	10,32	11,93	12,95
13. Países Baixos	6.622.920	3.644.077	0,85	1,82	5,56	4,45	2,57
14. Reino Unido	5.041.300	1.871.810	0,43	2,69	4,31	3,11	2,47
15. Rússia	143.623	54.813	0,01	2,62	7,66	2,27	1,27
Subtotal	251.113.933	233.593.757	54,18	1,08	83,01	82,88	88,54
Outros	167.262.043	197.550.082	45,82	0,85			
TOTAL	418.375.976	431.143.839	100,00	0,97			

Fonte : CONAB/SECEX

Analisando a [Tabela 4](#) acima, verifica-se que os países europeus apresentaram elevadas retrações de compra, com exceção da Espanha, cuja média de participação está, presentemente, “apenas” 2,6% abaixo daquela registrada no ano passado. Do mesmo modo, entre os países asiáticos, integrantes do rol de nossos principais clientes, só o Japão elevou a participação nos primeiros quatro meses de 2002, alcançando posição bem próxima a do ano de 1999, quando adquiriu 12,95% de nossas vendas. Hong Kong participou, em 2002, com 5,91% dos volumes vendidos no exterior, contra 9,11% no ano passado, persistindo em trajetória descendente desde 1999, quando absorveu 13,08% de nossas remessas. Cingapura, o último dos asiáticos listados que, no período 1999-2001, adquiriu, em média, 3% das nossas vendas, simplesmente desapareceu do rol de nossos clientes no primeiro quadrimestre do ano em curso. A Rússia, que vinha num crescendo participativo desde 1999, tendo chegado a 7,66% no ano passado, praticamente ainda não comprou neste ano. A África do Sul, que adquiriu 2,51% do nosso frango destinado ao exterior em 2001, também se mostra ausente das compras no ano em curso. A Argentina vinha baixando sua participação nas compras do frango brasileiro desde 1999, quando representou 6,74% dos nosso envios ao exterior. Atualmente, em razão da imensa crise econômica que atravessa a nossa vizinha, e maior parceira do Mercosul, praticamente se ausentou das aquisições. Finalmente, com relação aos países do Oriente Médio (em número de cinco), de significativa importância no contexto de nossos adquirentes, eles também retraíram

suas participações, com destaque para a Arábia Saudita, que chegou a comprar 28% das nossas vendas externas, no ano de 1999, e presentemente representa 17,77%, mas ainda se destaca como o principal destino do nosso frango comercializado no exterior.

Em suma, o que está por trás desse comportamento mais retraído dos tradicionais clientes da nossa carne de frango é o seguinte: na Ásia, a China e a Tailândia, que estiveram pouco presentes no mercado internacional durante o ano passado, por razões sanitárias, voltaram este ano, tornando mais difíceis as vendas brasileiras àquela região do globo; na Europa, os tradicionais exportadores, também às voltas com problemas sanitários em 2001, readquiriram, na atualidade, algumas fatias importantes do mercado mundial, onde têm mais tradição que o Brasil; os Estados Unidos, principal player internacional, incomodados com o acréscimo da participação brasileira em seus redutos mais caros (Rússia e Japão), por sinal os principais importadores mundiais, voltaram a atuar com firmeza para reassumir sua posição de liderança incontestada no mercado internacional da carne de frango. É verdade que ainda não conseguiram embarcar para a Rússia os volumes observados em anos recentes, devido à retaliação russa à sobretaxa do aço, imposta pelos norte-americanos ao aço importado, mas tudo indica que, logo, ambos chegarão a um acordo. Na América Latina, o principal parceiro brasileiro, a Argentina, não tem condições de figurar entre os mais destacados compradores de nosso frango, pelas razões já expostas anteriormente. Dessa forma, a saída encontrada pelo segmento exportador brasileiro, e bastante exitosa, é o encaminhamento das exportações de carne de frango para outros destinos, cuja participação, em termos quantitativos, era de 11,46% no ano de 1999, e no período janeiro/abril deste ano, alcançou 45,82% de nossos envios. Uma amostra do que é o mercado internacional da carne de frango pode ser observada na [Tabela 5](#).

TABELA 5 – Estimativas do USDA para a carne de frango 2002 – (1000 ton.)

PRODUÇÃO			IMPORTAÇÃO		
	Volume	Part. %		Volume	Part. %
Estados Unidos	14.382	31,20	Estados Unidos	4	0,08
Canadá	930	2,02	Canadá	95	1,93
México	2.108	4,57	México	240	4,88
Brasil	7.040	15,27	União Européia	380	7,72
Argentina	860	1,87	Rússia	1.350	27,43
União Européia	6.970	15,12	Arábia Saudita	420	8,53
Rússia	470	1,02	Emirados Árabes	130	2,64
China	5.400	11,71	África do Sul	55	1,12
Japão	1.085	2,35	China	900	18,29
Tailândia	1.350	2,93	Hong Kong	240	4,88
			Japão	720	14,63
Subtotal	40.595	88,06	Subtotal	4.534	92,14
Outros	5.502	11,94	Outros	387	7,86
Total	46.097	100,00	Total	4.921	100,00

EXPORTAÇÃO		
	Volume	Part. %
Estados Unidos	2.880	45,75
Canadá	85	1,35
Brasil	1.430	22,72
União Européia	675	10,72
Hungria	30	0,48
China	509	8,09
Tailândia	470	7,47
Subtotal	6.079	96,57
Outros	216	3,43
Total	6.295	100,00

Súmula do Mercado Mundial		
	Volume	Part. %
Produção	46.097	100,00
Comércio Exterior	6.295	
Importação	4.921	10,68
Exportação	6.295	13,66

Fonte : CONAB/USDA

CONSUMO INTERNO		
	Volume	Part. %
Estados Unidos	11.511	25,74
Canadá	938	2,10
México	2.348	5,25
Brasil	5.686	12,71
União Européia	6.675	14,92
Rússia	1.814	4,06
Polónia	415	0,93
China	5.791	12,95
Hong Kong	306	0,68
Japão	1.799	4,02
República da Coréia	495	1,11
Tailândia	880	1,97
Subtotal	38.658	86,43
Outros	6.068	13,57
Total	44.726	100,00

Para finalizar, é importante ressaltar que o grande mercado para o nosso frango é, indubitavelmente, o mercado interno, ainda hoje capaz de absorver mais de 80% da produção, tendo sido, inclusive, a “âncora verde” nos primórdios do Plano Real. Os créditos para o segmento externo do frango estão em sua capacidade de absorver e incorporar, ao processo produtivo brasileiro, a tecnologia de ponta originada em países mais desenvolvidos, e em adaptar-se às exigências de consumidores tão distintos como os asiáticos e os do Oriente Médio, onde o aspecto religioso interfere até mesmo no processamento do abate das aves.

2.2 - SUÍNO

De acordo com os dados da Secex, no tocante à exportação/importação de carne suína, verifica-se que o primeiro quadrimestre acumulou vendas de 118.966 toneladas, em equivalente carcaça, responsáveis pela receita de US\$ 138,677 milhões. Do volume embarcado para o exterior (em equivalente carcaça), 98,4% foram de carne in natura (fresca e congelada) – que abrange as carnes com osso e sem osso, salgada e miúdos – e cujo preço médio alcançou US\$ 1.176 /tonelada, posicionando-se 14,91% abaixo da média de 2001. A carne industrializada representou 1,6% das vendas e teve preço médio de US\$ 537 /tonelada, 8,67% inferior à média do ano passado ([Tabela 6](#)).

TABELA 6 – Exportações de Carne Suína 1999-2002

ESPECIFICAÇÃO	1999				2000			
	US\$ FOB	kg Líquido	Part. %	Preço Médio	US\$ FOB	kg Líquido	Part. %	Preço Médio
I Fresca ou refrigerada	20.598	30.029	0,03	0,69	6.634.376	5.710.668	4,42	1,16
II Congelada	114.721.303	75.377.930	85,82	1,52	156.123.843	110.294.095	85,32	1,42
III Em conserva	11.078.330	7.744.555	8,82	1,43	11.042.170	7.874.769	6,09	1,40
IV Miúdos comestíveis	3.130.637	4.040.949	4,60	0,77	3.754.829	4.794.691	3,71	0,78
V Salgada ou em salmoura	1.365.571	642.587	0,73	2,13	1.410.449	596.738	0,46	2,36
TOTAL	130.316.439	87.836.050	100,00	1,48	178.965.667	129.270.961	100,00	1,38

ESPECIFICAÇÃO	2001				2002 (jan./abr.)			
	US\$ FOB	kg Líquido	Part. %	Preço Médio	US\$ FOB	kg Líquido	Part. %	Preço Médio
I Fresca ou refrigerada	34.262.385	29.158.044	10,92	1,18	16.188.978	15.943.576	13,53	1,02
II Congelada	312.138.666	218.213.386	81,71	1,43	119.076.300	97.261.892	82,55	1,22
III Em conserva	15.952.153	10.860.266	4,07	1,47	1.021.793	760.808	0,65	1,34
IV Miúdos comestíveis	6.099.432	8.113.468	3,04	0,75	2.234.902	3.737.810	3,17	0,60
V Salgada ou em salmoura	1.542.650	708.949	0,27	2,18	155.037	120.797	0,10	1,28
TOTAL	369.995.286	267.054.113	100,00	1,39	138.677.010	117.824.883	100,00	1,18

Fonte : CONAB/SECEX

Os números referentes às vendas externas, durante o período janeiro/abril, propiciam a projeção de 356,9 mil toneladas e receita de US\$ 416 milhões, no encerramento deste ano – mantidos os mesmos parâmetros até aqui observados – o que contempla acréscimos de 25,96% nas quantidades, e de 12,44% no faturamento, relativamente ao desempenho final do ano passado. Embora positiva, essa premissa traz um certo grau de incerteza, decorrente da extrema concentração dos embarques para o exterior, na direção de cinco destinos: Rússia, Hong Kong, Argentina, Países Baixos e Uruguai.

Em 2001, as vendas para esses cinco destinos totalizaram 94,6% das quantidades líquidas de carne suína enviadas ao exterior, tendo sido responsáveis pela receita cambial de US\$ 348,9 milhões, ou 94% do faturamento total com a exportação dessa carne. A Rússia teve participação significativa nesse contexto: foi responsável por 56,5% das quantidades totais negociadas no exterior, e pela receita de US\$ 205,65 milhões, isto é, 55,6% do faturamento total.

Os dados finais do primeiro quadrimestre de 2002 mostram que esse mesmo grupo de clientes absorveu 97% do volume líquido de carne suína negociado pelo Brasil no mercado internacional, tendo sido responsável pela receita de US\$ 134,224 milhões (96,79% do total faturado no período), sendo que a Rússia, isoladamente, recebeu 81,3% do volume, que deram origem a 80,4% do faturamento total do período ([Tabela 7](#)).

TABELA 7 – Exportações Brasileiras de carne suína – principais destinos

DESTINO	jan./abr. 2002				Part. % 2001	Part. % 2000	Part. % 1999
	US\$/FOB	kg Líquido	Part. %	Preço Médio			
01. Argentina	4.432.600	2.708.612	2,30	1,64	14,92	28,73	36,94
02. Hong Kong	12.543.154	11.710.452	9,94	1,07	18,53	39,86	48,39
03. Países Baixos	3.334.955	2.341.878	1,99	1,42	1,74	3,86	1,99
04. Rússia	111.503.721	95.790.067	81,30	1,16	56,49	17,33	-
05. Uruguai	2.409.507	1.850.744	1,57	1,30	2,91	3,60	7,23
Subtotal	134.223.937	114.401.753	97,09	1,17	94,59	93,38	94,55
Outros	4.453.073	3.423.130	2,91	1,30			
TOTAL	138.677.010	117.824.883	100,00	1,18			

Fonte : CONAB/ SECEX

O preço médio do produto brasileiro declinou no ano em curso, justamente quando dispomos de amplas condições para atender, satisfatoriamente, à crescente demanda internacional. O problema é que a competição entre as empresas exportadoras nacionais por fatias mais amplas do mercado consumidor externo – representado por um número tão limitado de clientes – acaba ensejando as “práticas predatórias” de comércio, que prejudicam a receita e ainda sujeitam o País a ações antidumping.

É verdade que lideranças do segmento exportador já se voltam para ações efetivas, na busca de soluções que aumentem as vendas externas da carne suína nacional, sem endossar a prática de ações que, no fundo, atuam contra as possibilidades da carne suína do Brasil.

No entanto, os esforços para alavancar as vendas ao mercado internacional esbarram na própria dimensão desse mercado: apenas 4,37% da produção mundial de carne suína são transacionadas entre os países. Assim, embora seja a carne mais consumida, tem como característica o atendimento interno às populações dos principais países produtores. O caso da China é exemplar: produz cerca de 50% do total mundial mas, praticamente, consome tudo o que produz. Então, como pode ser visualizado na [Tabela 8](#), o mercado internacional se compõe, no lado importador, dos seguintes países: Japão, Rússia, Coreia do Sul, México, Estados Unidos e de Hong Kong. As dificuldades de acesso a esses mercados também pode ser observada na tabela referida, pois o grupo dos principais exportadores é basicamente composto de países integrantes do chamado mundo desenvolvido, que pregam a liberalização dos mercados, mas praticam o protecionismo econômico, no caso específico dos produtos agropecuários, principalmente o subsídio à produção, que prejudica o acesso ao mercado por intermédio de países que, como o Brasil, têm relevada competitividade.

TABELA 8 – Estimativas do USDA para a carne suína 2002 – (1000 toneladas em carcaça equivalente).

PRODUÇÃO			IMPORTAÇÃO		
	Volume	Part. %		Volume	Part. %
Estados Unidos	8.715	10,23	Estados Unidos	435	13,18
Canadá	1.800	2,11	Canadá	90	2,73
México	1.085	1,27	México	315	9,55
Brasil	2.340	2,75	Brasil	-	-
União Européia	17.800	20,90	União Européia	60	1,82
Hungria	480	0,56	Polônia	17	0,52
Polônia	1.620	1,90	Romênia	40	1,21
Rússia	1.550	1,82	Rússia	630	19,09
China	43.200	50,72	Hong Kong	280	8,48
Taiwan	900	1,06	Japão	1.070	32,42
Japão	1.230	1,44	República da Coreia	130	3,94
			Cingapura	25	0,76
Subtotal	80.720	94,78	Subtotal	3.092	93,70
Outros	4.448	5,22	Outros	208	6,30
Total	85.168	100,00	Total	3.300	100,00

EXPORTAÇÃO		
	Volume	Part. %
Estados Unidos	674	18,13
Canadá	750	20,17
Brasil	365	9,82
União Européia	1.325	35,64
Hungria	125	3,36
Polônia	110	2,96
Romênia	-	-
China	125	3,36
Taiwan	-	-
Subtotal	3.474	93,44
Outros	244	6,56
Total	3.718	100,00

CONSUMO INTERNO		
	Volume	Part. %
Estados Unidos	8.476	10,00
Canadá	1.140	1,34
México	1.340	1,58
Brasil	1.980	2,33
União Européia	16.530	19,49
Hungria	380	0,45
Polônia	1.527	1,80
Romênia	315	0,37
Rússia	2.179	2,57
China	43.145	50,88
Taiwan	930	1,10
Japão	2.332	2,75
República da Coreia	1.180	1,39
Filipinas	1.105	1,30
Subtotal	82.559	97,36
Outros	2.241	2,64
Total	84.800	100,00

Súmula do Mercado Mundial		
	Volume	Part. %
Produção	85.168	100,00
Comércio Exterior	3.718	
Importação	3.300	3,87
Exportação	3.718	4,37

Fonte : CONAB/USDA

3 - PERSPECTIVAS

3.1 - FRANGO

O consumo de carne de frango “in natura” apresenta, no Brasil, um coeficiente elasticidade-renda de 0,155, um dos mais baixos entre as carnes. Considerando a evolução demográfica e um crescimento do PIB de 2,5% a.a., projeta-se um aumento do consumo interno de 8,55% no primeiro quinquênio da década, totalizando 5,19 milhões de toneladas em 2005, e alcançando 5,65 milhões de toneladas em 2010.

Em razão do forte crescimento de consumo de alimentos preparados e consumidos fora do domicílio, deverão crescer as oportunidades para venda de produtos diferenciados e/ou típicos. A tendência indica também que a comercialização dos frangos inteiros nas grandes empresas perderá importância na pauta geral de seus produtos, em benefício da comercialização do produto espostejado, pratos semi-prontos ou prontos para consumo, em que a taxa de valor agregado é maior. Em função disso, a projeção citada acima deverá ser maior.

Caso os consumidores, principalmente europeus, prossigam na substituição da carne bovina por carnes brancas, o consumo mundial de frango poderá elevar-se mais ainda. No entanto a forte medida de proteção às importações por parte da Comunidade Européia à entrada de produtos procedentes dos países em desenvolvimento é um indicador que nossa competitividade passou a ameaçar os produtores dos países ricos e podem surgir novas barreiras. Nesse caso, poderá haver uma estabilização ou até decréscimo das exportações brasileiras.

3.2 - SUÍNO

A demanda brasileira a carne suína apresenta coeficiente elasticidade-renda de 0,443 e é uma das mais elevadas entre as carnes. Com base no crescimento do PIB estimado, conforme citado no item acima, projeta-se, para o ano de 2005, uma demanda de 2.196.000 toneladas e para o ano de 2010 uma demanda de 2.488.000 toneladas.

Com relação ao mercado externo, estima-se que as exportações da carne suína, principalmente para o mercado europeu e asiático, deverão chegar a 18,4% da produção em 2005. Devem contribuir para tal a melhoria dos controles sanitários, a evolução da qualidade dos produtos e também a maior experiência dos exportadores no comércio internacional.

4 –COMENTÁRIOS FINAIS

No mercado interno, a oferta superior ao consumo engessou os preços no atacado e no varejo e determinou queda nos preços recebidos pelos avicultores e suinocultores. Esse panorama preocupa, pois a alta dos preços do milho e do farelo de soja tem pressionado os custos, que, junto com a falta de perspectiva de mercado, tem levado muitos autores importantes dos dois setores a falarem abertamente na necessidade de reduzir a produção para o segundo semestre. O mercado do

suinocultor permanece pressionado pelo aumento da produção, pelo represamento de animais no campo e pelos estoques na indústria.

Difícilmente haverá mudança no quadro de preços a curto prazo, seja pela dificuldade de diminuir a disponibilidade interna do produto, seja pelas limitações de ampliar ainda mais as exportações.

Com relação ao mercado externo, é grande a preocupação, no setor de frangos, com as vendas futuras para a União Européia devido a elevação do teor de sal nos cortes desossados de peito e coxa da ave. O aumento do teor de sal, além de deixá-la salgada para o consumo humano, irá impedir que a carne de frango seja processada industrialmente,

Essa medida pode ser considerada como uma barreira tarifária “velada”, pois não foram apresentadas razões técnicas, sanitárias ou de qualquer outra ordem para o estabelecimento de tal medida. Caso o produto brasileiro não se atenha dentro do novo teor estabelecido, entre 1,9 e 2,2% contra 1,2 a 1,6% anteriormente, a tarifação dos produtos importados passará dos atuais 15% para em torno 70% e inibirá a venda para este bloco.

Esta medida, já aprovada, é somente válida para os produtos de frango procedentes do Brasil e da Tailândia, grandes concorrentes do produto europeu, e mostra-se mais eficiente, no sentido de proteção ao produtor da comunidade européia, que as ameaças de elevação das alíquotas de importação para o frango brasileiro, que iriam ferir frontalmente as regras da Organização Mundial de Comércio – OMC.

No setor de carne suína, um ponto importante é a diversificação dos países de destino, visto que as vendas se concentram (acima de 90%) em somente cinco países, sendo que a Rússia, isoladamente, importou 81,3% do volume total no primeiro quadrimestre (80,4% em faturamento). Existe espaço a ser explorado, nichos a serem buscados, desde que as empresas atendam à legislação ambiental e ao uso de transgênicos.

No curto prazo, o jornal Diário Catarinense, em editorial de 29 de junho próximo passado, apresenta uma matéria intitulada “Cautela na suinocultura”, em que relata uma reunião de três centenas de cooperativas catarinenses para debater a situação atual da suinocultura. Neste evento, foi sugerido que a suinocultura pise no freio para superar este momento difícil. Considerou-se, ainda, que, além do excesso de oferta internacional, a estiagem que se abateu sobre as lavouras de milho, associados a uma insegurança com relação ao desempenho econômico do principal importador, a Rússia, compuseram um quadro de instabilidade.

Coloca ainda que, apesar do momento ser de cautela, não há razão para se acreditar numa crise prolongada, pois a indústria catarinense já superou obstáculos mais significativos que os atualmente existentes, mas, para isso, estratégias adicionais devem ser elaboradas, tais como: campanhas publicitárias (para quebrar certos preconceitos do brasileiro com relação à carne suína), cortes com preços mais acessíveis, busca de novos mercados, maiores condições de crédito, agregação valores aos produtos e consolidação do programa de auto-suficiência de milho.

Considerou-se que é premente a redução da produção para que as vendas se tornem vantajosas, além de que os produtores tenham acesso a insumos mais baratos; e essa situação pode ser estendida para toda a indústria nacional de carne suína, visto a representatividade da indústria catarinense dentro desse setor.

Já o mercado de longo prazo, mesmo com o excesso da oferta atual, ainda é promissor, visto a demanda estável do mercado interno. Apesar de se verificar uma tendência de elevação do consumo per capita, seja de carne de frango ou suína, alguns analistas consideram que o consumo per capita de carne de frango está próximo de seu teto (31,80 Kg/hab. em 2001), e o crescimento, do volume total de abate, após será decorrência do aumento populacional (que tende a se estabilizar nas próximas décadas).

Corroborando com esta colocação o baixo valor da elasticidade-renda da carne de frango (0,155), indicando que mesmo com a elevação da renda do consumidor os reflexos sobre o mercado serão de magnitude inferior. Esse dado demonstra que as pessoas que desejam consumir esse tipo de carne já o fazem, e não elevarão seu consumo, de forma demasiada, simplesmente pela elevação da renda.

Com relação ao consumo de carne suína, a elasticidade-renda é de 0,433, que demonstra uma possibilidade de expansão do consumo per capita da carne suína, associada não somente ao crescimento populacional, mas também a qualquer elevação da renda. É o segmento com maiores possibilidades de elevação do consumo per capita.

Complementando esta linha de análise, um dado importante é o consumo per capita total de carne suína, bovina e de frango, pelo povo brasileiro, de 78,15 Kg/hab (aproximadamente 214 gramas de carne por pessoa por dia). Importante salientar, que se exclui deste montante os pescados, o consumo na área rural, o abate ilegal e outros tipos de carne.

Esse indicador nos leva a pensar sobre o conceito de “fome” e, apesar de persistir o crescimento do volume total de abates devido ao componente demográfico, na possibilidade de uma estagnação do consumo per capita de carne num médio espaço de tempo. Esta situação irá levar, no futuro, a um acréscimo de competitividade dentro do mercado interno, onde os mais eficientes permanecerão.

Finalizando, deve-se considerar, ainda, numa análise ou tomada de decisão, os seguintes pontos:

a) que os preços praticados para a exportação são mais suscetíveis a concorrência internacional, contrariamente ao preço praticado no mercado interno, que pode ser administrado mais facilmente segundo conveniências da estrutura de mercado existente;

b) uma grande preocupação extra deve ser tomada com empresas que tiveram um forte crescimento devido a vendas para o mercado externo, pois a estrutura produtiva implantada para atender especialmente a esse segmento, pode se tornar ociosa a pequenas variações de mercado internacional e afetar a situação econômica-financeira da empresa;

c) o aparecimento de novas barreiras não-tarifárias, sejam técnicas, ambientais, sanitárias ou de outro tipo, que podem restringir, ainda mais, o acesso do produto nacional sem afetar as regras da OMC;

d) o comportamento desta atividade econômica, facilmente constatada na análise das séries históricas que, apesar de conter um comportamento cíclico, principalmente na exportação de frango, apresenta uma tendência determinística de crescimento;

e) as vantagens de custo desfrutadas pelos produtores brasileiros, conforme tabela 9 abaixo:

Tabela 9 – Comparação de custos de produção

	Grãos (US\$/ton.)	Soja (US\$/ton.)	Mão de Obra média no setor - US\$/mês
Brasil	85,00	177,00	350,00
Tailândia	100,00	>250,00	120,00
Reino Unido	105,00	>200,00	1700,00
EUA	< 90,00	190,00	1500,00

Fonte : Elaboração Própria/Rabobank International

5 - FONTES E REFERÊNCIAS

- * ABEF – Associação Brasileira de Produtores e Exportadores de Frango .
- * ABIECS – Associação Brasileira das Indústrias Produtoras e Exportadoras de Carne Suína.
- * ABIEC – Associação Brasileira de Exportadores de Carne.
- * APINCO – Associação Brasileira de Produtores de Pintos de Corte.
- * CONAB – Companhia Nacional de Abastecimento.
- * IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
- * ICEPA – Instituto de Planejamento e Economia Agrícola de Santa Catarina.
- * Rabobank International

Equipe de elaboração:

Pesquisa, Edição e Redação Final : Rogério Martin Benitez (AGFLO/GEPLA)
Coordenação : Raul José de Carvalho (AGFLO/GEPLA)
Supervisão e Revisão : Fernando Luiz Motta dos Santos (SUPLA)
Áreas de Planejamento do BRDE Junho/ 2002

***ANEXOS ESTATÍSTICOS –
séries históricas***

AVICULTURA (frango)
Elasticidade renda frango 0,155

Ano	PRODUÇÃO mil ton.	EXPORTAÇÃO mil ton.	CONSUMO		PREÇOS - R\$ / kg			
			mil ton.	per capita kg/hab	ATACADO		PRODUTOR	
					Congelado	Resfriado	Em corte	Vivo
1990	2.267,36	299,29	1.968,07		584.242,42	598.787,88	0,00	942.424,24
1991	2.521,91	321,70	2.200,21		0,00	0,00	0,00	0,00
1992	2.727,00	376,43	2.350,57		0,00	0,00	0,00	0,00
1993	3.143,00	433,50	2.709,50		0,03	0,03	0,02	0,02
1994	3.411,02	481,03	2.929,99		0,75	0,75	0,59	0,41
1995	4.050,45	433,74	3.616,71		1,08	1,08	0,80	0,60
1996	4.051,56	568,79	3.482,77		1,14	1,14	0,83	0,68
1997	4.460,93	649,36	3.811,57	23,80	1,11	1,13	0,84	0,65
1998	4.498,19	612,48	3.885,71	26,30	1,16	1,17	0,88	0,66
1999	5.526,04	770,55	4.755,49	29,10	1,19	1,21	0,96	0,70
2000	5.976,53	906,75	5.069,78	29,90	1,33	1,37	1,03	0,81
2001	6.735,70	1.249,29	5.486,41	31,80	1,54	1,58	1,09	0,86
2002 *								
2003 *								
2004 *								
2005 *								
FONTE:	ABEF	ABEF	ABEF	ABEF	IPEA	IPEA	IPEA	IPEA

INDICES

Ano	PRODUÇÃO mil ton.	EXPORTAÇÃO mil ton.	CONSUMO		PREÇOS - R\$ / kg			
			mil ton.	per capita kg/hab	ATACADO		PRODUTOR	
					Congelado	Resfriado	Em corte	Vivo
1994 = 100	100,00	100,00	100,00	#DIV/0!	100,00	100,00	100,00	100,00
1995	118,75	90,17	123,44	#DIV/0!	144,89	144,29	134,98	145,18
1996	118,78	118,25	118,87	#DIV/0!	153,27	153,46	141,06	164,08
1997	130,78	134,99	130,09	#DIV/0!	148,80	151,67	142,05	157,65
1998	131,87	127,33	132,62	#DIV/0!	155,50	157,26	148,97	158,65
1999	162,01	160,19	162,30	#DIV/0!	159,41	162,18	161,98	169,11
2000	175,21	188,50	173,03	#DIV/0!	178,05	183,77	174,98	194,45
2001	197,47	259,71	187,25	#DIV/0!	206,62	211,62	185,30	208,12

Obs.: #DIV/0! Indica que não havia informação para o ano de 1994, logo não se tem o índice = 100

SUINOCULTURA

Elasticidade renda – 0449

Ano	PRODUÇÃO		EXPORT.	CONSUMO		PREÇOS - ATACADO / kg - PR				PREÇO
	BR - abate mm cabeças	Brasil mil ton.	Brasil mil ton.	Brasil mil ton.	per capita kg/hab	Carcça de raça	Lombo sem osso	Paleta com osso	Pernil com osso	PRODUTOR Em corte /kg
1990	19,20	1.050,00		1.033,00	7,26	696.969,70	8,98606E-05	6,09133E-05	0,00006645	2,49668E-05
1991	19,90	1.130,00		1.115,00	7,68	0,000199	0,000447494	0,000260249	0,000339025	0,00011537
1992	19,70	1.190,00		1.147,00	7,96	0,0022	0,004514845	0,002473436	0,003494271	0,001174895
1993	19,80	1.260,00		1.226,00	8,31	0,0489	0,1110	0,0507	0,0886	0,0277
1994	19,20	1.330,00		1.301,00	8,46	1,258	2,327	1,264	2,044	0,662
1995	20,10	1.470,00	40,00	1.439,00	9,23	1,631	4,113	2,123	3,161	0,962
1996	20,70	1.560,00	64,00	1.501,00	9,56	1,57	3,58	1,82	3,43	0,88
1997	20,40	1.540,00	64,00	1.481,00	9,26	2,25	4,04	2,41	3,30	1,07
1998	22,40	1.699,00	82,00	1.617,00	9,98	2,09	4,14	2,31	2,91	1,03
1999	23,50	1.834,00	87,00	1.748,00	10,70	2,35	4,42	2,26	2,90	1,15
2000	24,90	1.967,00	127,00	1.841,00	10,90	2,50	5,05	2,44	2,99	1,28
2001	26,10	2.062,00	160,00	1.903,00	11,10	2,65	5,66	2,59	3,22	1,44
2002 *										
2003 *										
2004 *										
2005 *										
FONTE:	ABIEPCS	ABIEPCS	ABIEPCS	ABIEPCS	ABIEPCS	IPEA	IPEA	IPEA	IPEA	IPEA

INDICES

Ano	PRODUÇÃO		EXPORT.	CONSUMO		PREÇOS - ATACADO / kg - PR				PREÇO
	Brasil mm cabeças	Brasil mil ton.	Brasil mil ton.	Brasil mil ton.	per capita kg/hab	Carcça de raça	Lombo sem osso	Paleta com osso	Pernil com osso	PRODUTOR Em corte /kg
1994 = 100	100,00	100,00	#DIV/0!	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00
1995	104,69	110,53	#DIV/0!	110,61	109,10	129,60	176,77	167,94	154,61	145,40
1996	107,81	117,29	#DIV/0!	115,37	113,00	124,70	153,89	144,33	167,94	132,98
1997	106,25	115,79	#DIV/0!	113,84	109,46	179,00	173,48	190,88	161,62	161,77
1998	116,67	127,74	#DIV/0!	124,29	117,97	166,29	177,99	183,04	142,10	155,24
1999	122,40	137,89	#DIV/0!	134,36	126,48	186,81	189,88	178,55	141,61	173,36
2000	129,69	147,89	#DIV/0!	141,51	128,84	198,80	217,10	193,13	146,38	193,98
2001	135,94	155,04	#DIV/0!	146,27	131,21	210,85	243,03	204,80	157,42	217,82

Obs.: #DIV/0! Indica que não havia informação para o ano de 1994, logo não se tem o índice = 100

VALORES DE REFERÊNCIA

Ano	População milhões	Renda	Renda	Índice Atacado carne	Índice Preço Abate-export.	CARNE BOVINA							
		percapita US\$	percapita R\$			Cambio	Produção mil ton.	Cons.Int. mil ton.	Exportação mil ton.	Consumo kg/hab.	PREÇOS Atacado / kg - PR		
						carcaça diant.	carcaça tras.						
1990	147,59	3243,00	0,08	0,00	0,00	71,20						715.757,58	0,00
1991	149,93	2771,00	0,40	0,00	0,01	82,20						0,00	0,00
1992	152,23	2605,00	4,21	0,00	0,13	85,20						0,00	0,00
1993	154,51	2847,00	91,24	0,03	2,94	78,90						0,04	0,06
1994	156,78	3546,00	2227,43	0,65	75,83	90,00	5.200,00	5.017,48	378,38	32,64		1,01	1,52
1995	159,02	4542,00	4063,69	0,92	111,72	105,00	5.400,00	5.376,40	285,11	34,50		1,26	2,26
1996	161,25	4924,00	4830,40	1,01	116,18	100,00	6.045,00	5.962,34	278,35	37,96		1,18	2,13
1997	163,47	5060,00	5326,90	1,08	122,45	93,60	5.820,00	5.709,94	286,65	35,66		1,25	2,23
1998	165,69	4867,00	5517,93	1,16	128,01	86,80	6.040,00	5.797,44	377,61	35,53		1,38	2,29
1999	167,91	3234,00	5740,39	1,82	147,83	76,50	6.270,00	5.793,33	559,89	34,83		1,67	2,57
2000	170,14	3584,00	6386,98	1,83	168,49	64,60	6.650,00	6.158,05	591,87	36,32		1,99	2,97
2001	172,39	0,00	6872,81	2,35	187,89	63,33	6.900,00	6.091,00	858,30	35,25		2,13	3,17
2002 *	174,63				0,00								
2003 *	176,88												
2004 *	179,11												
2005 *	181,34												
FONTE:	IBGE	FGV	IBGE	IPEA	IPEA	IPEA	ABIEC	ABIEC	ABIEC	ABIEC		IPEA	IPEA

INDICES

Ano	População milhões	Renda	Renda	Índice Atacado carne	Índice Preço Abate-export.	CARNE BOVINA							
		percapita US\$	percapita R\$			Cambio	Produção mil ton.	Cons.Int. mil ton.	Exportação mil ton.	Consumo kg/hab.	PREÇOS Atacado / kg - PR		
						carcaça diant.	carcaça tras.						
1994=100	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00	100,00		100,00	100,00
1995	101,43	128,09	182,44	142,21	147,33	116,67	103,85	107,15	75,35	105,71		125,31	148,86
1996	102,85	138,86	216,86	155,77	153,22	111,11	116,25	118,83	73,56	116,30		116,95	140,72
1997	104,27	142,70	239,15	167,16	161,49	104,00	111,92	113,80	75,76	109,27		124,48	146,99
1998	105,68	137,25	247,73	179,93	168,81	96,44	116,15	115,54	99,80	108,84		137,38	150,83
1999	107,10	91,20	257,71	281,39	194,96	85,00	120,58	115,46	147,97	106,71		165,42	169,63
2000	108,53	101,07	286,74	283,51	222,20	71,78	127,88	122,73	156,42	111,28		197,10	195,67
2001	109,96	0,00	308,55	364,51	247,79	70,37	132,69	121,40	226,84	107,99		211,41	209,24

RANKING

MERCADO DE FRANGOS

PRODUÇÃO e MERCADO INTERNO							MERCADO EXTERNO								
ano		EMPRESA	Produção		Evol.	Part. Merc. Interno		ano		EMPRESA	Exportação		Evol.	Part. Com. Ext.	
2001	2000		Cab. Abat.	Milhares	anual	2001	2000	2001	2000		Tonelada	2001	2000	2001	2000
			2001	2000	%	%	%				2001	2000	%	%	%
1	1	Sadia	401,8	382,2	5,13	11,7	11,8	1	1	Sadia	335.145,0	260.353,0	28,7	26,5	28,7
2	2	Perdigão	349,1	291,0	19,97	10,1	9,0	2	2	Perdigão	232.735,0	193.337,0	20,4	18,4	21,3
3	3	Frangosul	224,9	196,6	14,39	6,5	6,1	3	3	Seara	214.601,0	155.643,0	37,9	17,0	17,2
4	4	Seara	199,9	178,0	12,30	5,8	5,5	4	4	Frangosul	214.318,0	115.912,0	84,9	16,9	12,8
5	5	Avipal	151,3	136,6	10,76	4,4	4,2	5	5	Chapecó	76.842,0	52.800,0	45,5	6,1	5,8
6	8	Chapecó	108,4	86,6	25,17	3,1	3,4	6	8	Avipal	33.211,0	10.624,0	212,6	2,6	1,2
7	7	Dagranja	98,6	94,2	4,67	2,9	6,1	7	7	Aurora	24.399,0	20.158,0	21,0	1,9	2,2
8	9	Aurora	74,3	74,2	0,13	2,2	2,7	8	6	Minuano	20.071,0	21.179,0	(5,2)	1,6	2,3
9	10	Sertanejo	49,4	48,8	1,23	1,4	2,3	9	10	Vêneto	11.874,0	7.852,0	51,2	0,9	0,9
10	11	Copacol	41,4	39,2	5,61	1,2	1,5	10	9	Copacol	11.796,0	9.815,0	20,2	0,9	1,1
		Outras	1.749,8	1.716,8	1,92	50,7	52,9			Outras	90.895,0	59.073,0	53,9	7,2	6,5
Total Brasil			3.448,9	3.244,2	6,31			Total Brasil			1.265.887,0	906.746,0	39,6		

Fonte: ABEF

MERCADO DE SUÍNOS

PRODUÇÃO e MERCADO INTERNO							MERCADO EXTERNO								
ano		EMPRESA	Produção		Evol.	Part. Merc. Interno		ano		EMPRESA	Exportação		Evol.	Part. Com. Ext.	
2001	2000		Cab. Abat.	Milhares	anual	2001	2000	2001	2000		Tonelada	2001	2000	2001	2000
			2001	2000	%	%	%				2001	2000	%	%	%
1	1	Sadia	3.096,0	2.897,0	6,9	11,7	11,6	1	1	Seara	66549	35.151,0	89,3	25,1	27,5
2	2	Perdigão	2.416,0	1.721,0	40,4	9,1	6,9	2	2	Sadia	40927	22.766,0	79,8	15,4	17,8
3	3	Aurora	1.720,0	1.641,0	4,8	6,5	6,6	3	3	Perdigão	38216	14.144,0	170,2	14,4	11,1
4	4	Seara	1.490,0	1.331,0	11,9	5,6	5,3	4	4	Chapecó	29567	10.155,0	191,2	11,2	7,9
5	5	Chapecó	1.188,0	861,0	38,0	4,5	3,5	5	5	Aurora	22717	6.715,0	238,3	8,6	5,3
6	8	Riosulense	772,0	778,0	-0,8	2,9	3,1	6	9	Riosulense	20170	3.400,0	493,2	7,6	2,7
7	7	Frangosul	531,0	425,0	24,9	2,0	1,7	7	7	Frangosul	10469	5.391,0	94,2	3,9	4,2
8	9	Resende	467,0	376,0	24,2	1,8	1,5	8	6	Avipal	7215	6.658,0	8,4	2,7	5,2
9	10	Avipal	421,0	467,0	-9,9	1,6	1,9	9	11	Sudcoop	5619	1.447,0	288,3	2,1	1,1
10	11	Outros	14.437,0	14.414,0	0,2	54,4	57,9	10	12	Coperjacuí	2599	1.029,0	152,6	1,0	0,8
		Outras								Outras	21.117,0	21.027,0	0,4	8,0	16,4
Total Brasil			26.538,00	24.911,00	6,53			Total Brasil			265.165,0	127.883,0	107,3		

Fonte: ABEF

EVOLUÇÃO NOS ÚLTIMOS 12 MESES PREÇOS FINAIS

Indicadores da Agropecuária														
Preços da Agropecuária														
AVES e OVOS														
(Em R\$/ Unid.)														
Nível de Comercialização / Praça	Unid	Mai/01	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan/02	Fev	Mar	Abr	Mai
PRODUTOR - SP														
Frango vivo	Kg	0,8	0,8	0,8	0,85	0,85	0,85	0,85	0,88	0,9	0,9	0,9	0,9	0,91
Ovos grandes	Dz	0,78	0,84	0,87	0,85	0,72	0,66	0,61	0	0,69	0,83	0,84	0,72	0,72
ATACADO														
Frango resfriado - SP	Kg	1,26	1,31	1,27	1,29	1,29	1,37	1,4	1,48	1,49	1,45	1,32	1,21	1,16
Frango congelado - RJ		-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Coxa	Kg	1,78	1,85	1,9	1,85	1,92	2,03	2,05	2,05	2,02	2,04	1,97	1,83	1,78
Peito		2,74	2,58	2,4	2,15	2,15	2,25	2,35	2,45	2,53	2,34	2,27	2,21	2,18
SUÍNOS														
(Em R\$/ Unid.)														
Nível de Comercialização / Praça	Unid	Mai/01	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan/02	Fev	Mar	Abr	Mai
PRODUTOR														
SC	Kg	1,24	1,21	1,24	1,21	1,21	1,24	1,34	1,35	1,31	1,29	1,21	1,17	1,12
SP		1,81	1,81	1,87	1,86	1,73	1,85	2,16	2,13	2,05	1,78	1,59	1,44	1,39
ATACADO														
Carcaça	Kg	2,3	2,34	2,41	2,42	2,33	2,47	2,78	2,76	2,69	2,51	2,21	2,13	2,05
Carrê		3,1	3,78	4	3,74	3,35	3,38	3,45	3,48	3,45	3,07	3,22	3,19	3,15
Lombo		4,68	4,28	4,35	4,4	4,4	4,4	4,4	4,4	4,4	4,83	4,55	4,55	4,55
Pernil		2,97	2,84	2,91	2,84	2,7	2,85	3,65	3,8	4,24	3,21	3,1	3,07	3
Paleta (s/osso)		3,03	2,75	2,75	2,75	2,75	2,75	2,75	2,75	2,75	2,86	2,75	2,75	2,75
Banha		1,15	1,08	1,08	1,15	1,15	1,15	1,15	1,15	1,15	1,15	1,15	1,15	1,15

Fonte : CONAB

INSUMOS

Preços da Agropecuária														
MILHO														
Nível de Comercialização / Praça	Unid	Abr/01	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Jan/02	Fev	Mar	Abr
PRODUTOR - por 60 Kg.														
GO	60 Kg	7,4	7,4	7,72	8,18	8,85	9,47	9,52	9,86	10,22	11,03	10,93	10,55	10,43
MG		7,85	7,92	8,13	8,55	8,9	9,56	9,6	10,02	10,2	10,83	11	10,93	10,9
SP		8,58	8,36	8,43	8,65	9,92	10,65	10,68	10,95	11	11,3	11,5	11,33	11,46
PR		7,21	7,34	7,9	8,71	9,5	9,9	10,15	10,47	10,37	10,46	11,4	11,14	11,48
SC		8,05	8,09	8,6	9,42	10,4	11,05	11,02	11,55	11,5	11,78	12,58	12,15	12,81
RS		7,72	7,66	8,27	8,85	9,84	10,77	10,8	10,97	11,13	11,3	12,25	12,75	12,81
CE		14,87	15,03	15,17	15,57	16,2	16,62	17,5	17,07	16,62	16,5	16,9	16,88	16,13
ATACADO - por 60 Kg.														
Fortaleza (1)	60 Kg	17,68	17,18	17	16,81	16,42	18	18	19	20,38	21,86	-	-	-
Recife (1)		22,04	22	22	22	22,2	22,54	23,94	23,9	24,2	26,82	-	-	-
SP		10,16	9,42	9,93	10,77	12,32	12,7	12,83	13,47	13,55	13,52	13,53	12,55	13,31
PR		8,05	8,3	9,02	9,55	10,4	10,87	11,13	11,57	11,6	11,58	12,18	12,08	12,91
SC		8,7	8,94	9,92	10,32	11,46	12	12,12	12,55	12,42	12,89	13,2	13,38	13,67
PREÇOS FUTUROS - 1ª ENTREGA - US\$/t (60 Kg.)														
Chicago	US\$/t	80,94	77,22	75,87	83,64	85,42	85,24	81,74	80,57	81,13	81,4	80,53	80,16	78,24
PARIDADE DE IMPORTAÇÃO (2)														
60 Kg	60 Kg	16,42	16,66	16,97	18,85	19,4	20,71	20,73	18,94	17,81	17,54	18,07	17,45	17
SOJA														
PRODUTOR - por 60 Kg.														
RS	60 kg	18,89	21,24	24,8	26,14	27,68	28,57	28,7	26,07	25,91	23,55	21,24	20,89	24,18
PR		18,68	21,25	24,97	26,51	28,01	28,56	28,91	26,28	29,16	21,16	20,56	21,42	24,4
SP		18,16	20,48	23,96	20,66	27,48	28,41	29,26	26,76	24,49	20,67	19,8	20,73	23,42
GO		16,58	18,45	22,2	23,57	25,55	26,69	27,48	25,86	23,45	19,1	17,69	18,09	21,23
MT		15,21	17,76	21,08	22,39	23,84	24,88	24,74	23,46	21,13	16,58	16,21	17,53	20,91
ATACADO - por 60 Kg.														
Grão - RS	60 kg	19,99	22,48	26,25	27,66	29,29	30,23	30,37	27,58	27,45	24,89	22,48	22,3	25,59
Grão - PR		19,77	22,48	26,42	28,06	29,64	30,23	30,6	27,44	25,52	22,36	21,76	22,67	25,82
Grão - SP		19,16	21,67	25,35	27,48	29,08	30,08	30,97	28,31	24,86	21,84	20,95	21,93	24,78
Farelo - PR	t	380,6	450,25	468,25	472,5	509,75	532,5	532	506,88	495,8	415,62	369,08	366,35	393,9
Óleo Bruto - SP - tonelada		706,23	769,82	892,15	1063,1	1011,12	1001,1	1040,37	1029,59	1046,36	894	810,14	849,57	1010,17
Óleo Refinado SP - 20 Lts.		20 Lts.	18,8	19,25	21,4	0	0	0	0	-	1	-	-	-
PREÇO FUTURO - CHICAGO (1) - US\$/t														
Grão	US\$/t	163,86	170,01	186,64	181,81	172,45	160,76	162,44	160,16	160,04	160,14	168,69	171,34	176,52
Farelo		178,05	184,82	194,23	189,08	183,5	177,62	177,85	166,5	169,58	165,47	174,28	175,89	179,76
Óleo		323,25	332,04	383,43	397,71	359,03	334,32	353,89	348,78	343,59	341,76	356,84	365,04	376,61
PARIDADE DE EXPORTAÇÃO (2)														
Grão - 60 Kg.	60 kg	18,21	20,81	24,2	25,68	26,26	24,25	22,74	21,04	20,03	18,76	19,68	22,31	21,55
Farelo - Ton.	t	321,4	375,18	374,48	388,65	418,5	427,64	399,1	352,16	379,56	321,71	337,57	334,58	357,64
Óleo - Ton.		521,54	583,09	755,78	821,43	768,4	737,94	772,13	744,7	764,9	721,91	735,86	741,22	777,36
Fonte : CONAB e CBOT														